

cionais de redistribuição são tão pueris ou ilusórios como os sonhos de repúblicas universais ou de um paraíso terrestre, resta-nos unicamente elaborar ou inventar de que carecermos.

Em "A Ciência quebra Monopólios" é exposto o modo como, graças a inúmeros esforços isolados que preenchem a vida de muitos pesquisadores, se combateu a fome e a falta de vestuário, a carência de espaço e de energia, e, mais ainda, o que essas vitórias pacíficas significaram para o mundo.

Com fatos, exclusivamente por meio de fatos, é demonstrado quantos caminhos há para fugir à confusão. Pois, tudo o que o autor, tacteando, relatou nos seus livros anteriores sobre matérias primas e o que reuniu neste obra, após anos de compilação, tornou-se, desde a publicação do novo plano quadrienal germânico, mais do que mera exposição; enquanto se imprimia este livro, aquilo passou a ser o fundo técnico e econômico dum programa gigantesco, capaz de apontar, não só o caminho para a autonomia alemã, mas, sobretudo, para a paz — o caminho que conduz dum mundo de temores e de privações para o da consciência individual e da riqueza.

"A Ciência quebra Monopólios", que faz parte da coleção "Documentos de Nossa Época", da Livraria do Globo, foi traduzido pela professora Marina Guaspari, que teve a assistência, na parte técnica, o professor Bernardo Geisel.

UM RIO IMITA O RENO

Vianna Moog

Edição da Livraria do Globo

Porto Alegre — 1939

Consagrado no Brasil e em Portugal como um dos mais eminentes ensaístas e biógrafos da língua, Vianna Moog surge-nos agora como ficcionista vitorioso.

"Um rio imita o Reno" é o primeiro romance do vigoroso prosador gaúcho. Trata-se de um inquérito sobre a imigração alemã no sul do Brasil — tema cuja palpitante atualidade torna-se desnecessário ressaltar. Passa-se em Blumental, cidade imaginária. E é um contraponto do norte e do sul, de vez que o personagem central do romance é um amazonense, descendente de cearense e índia Nhen-gaíba. Entrosam-se, em verdade, duas histórias — a da opulência e decadência do coronel de barranco, pai de personagem central e, ao mesmo tempo, a de suas reações um meio inteiramente novo para ele, que o situa em condições excelentes para visualizar todos os problemas, sem idéias preconcebidas, sem odios e sem paixões. Há no romance conflitos de raças, problemas de educação e de religião. E também abordado o problema dos judeus.

Resultantes de duas culturas diversas são tratadas na história comovente de "Um rio imita o Reno" — a história dum amor contrariado e contra o qual conspira o determinismo indesejável das coisas ajudadas pela intromissão de preconceitos teóricos sobre raça.

O escritor Vianna Moog está em condições maravilhosas para focalizar o assunto tratado no seu primeiro romance. Ninguém, mesmo, poderia fazê-lo em melhores condições. Nascido em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em plena zona colonial alemã, ficaram gravadas no subconsciente do autor impressões de infância referentes à formação da colônia, das várias etapas ali atravessadas, bem como reminiscências da guerra de 1914-18, do sorteio militar, da nacionalização progressiva, etc.. Além disso, a sua estada no Amazonas dá-lhe autoridade para tratar os problemas daquelas paragens.

"Um rio imita o Reno" é, assim, um romance de genuína experiência pessoal e por isso mesmo objetivo, muito embora os seus personagens sejam de pura ficção.

A belíssima capa de "Um rio imita o Reno" é criação de Edgar Koetz, o consagrado artista riograndense que ainda há pouco conquistou o primeiro lugar num concurso de cartazes promovido pelo Departamento Nacional de Propaganda.